



mos de barbárie e de fatalidade, que encontrávamos em *Síndrome* (2017) e *Antes que Matem os Elefantes* (2016). Mas seguiu outros percursos de pesquisa, com leituras filosóficas e científicas, e um enfoque particular na obra de Miguel Real, que lancaram a coreógrafa para o seu espectáculo “mais pensado, mais escrito, mais falado, mais pesquisado, com mais conversas em conjunto e statements individuais”. Foram quatro meses de trabalho com o elenco – formado por André de Campos, Beatriz Dias, Bruno Alves, Catarina Câmara, Marta Lobato Faria e Yonel Serrano –, com os primeiros dias de trabalho partidos ao meio: uma metade era destinada à partilha de Olga com os bailarinos dos seus escritos e das suas reflexões acerca dos materiais de que se rodeava; a outra esse sítio da dança como salvação.” Antes dos seis solos em que Olga Roriz quis trabalhar sobre a pequenez humana diante daqueles cenários específicos e em que pediu aos seus bailarinos que se definissem – “Quis perceber se eles estão na paisagem, se eles são a paisagem, anteriores à paisagem ou nem sequer estão lá”, esclarece –, os seis começam por acordar de um qualquer sono, cobrindo os olhos, e entoando uma melodia que os lança num transe colectivo. Sem se olharem, sem se tocarem, abandonam-se a um movimento grupal cada vez mais inquieto e nervoso, de uma harmonia tribal, como se estivessem juntos de moto automático, conscientes que fazem parte de um todo que segue em grupo mas não perde tempo a (re)coñhecer-se.

metade era destinada à visualização colectiva da série documental da National Geographic *One Strange Rock*.

dade populacional; Chernobyl, palco do maior desastre nuclear até hoje; a parcela marroquina do deserto do Sahara onde, em 2012, caiu o maior pedaço de meteorito marciano jamais encontrado; o continente gelado da Antártida, sob séria ameaça; e Son Doong, a maior caverna do mundo, com nove quilômetros de extensão, localizada no Vietname.

São as imagens e a pesquisa em torno desses seis lugares que abastecem o núcleo central de Autópsia, numa sucessão de solos carregados da história e da dor inscritas naquelas paisagens, e em que Olga Roriz se agarra intensamente à dança como “algo que nos poderia salvar, de alguma maneira”. “Claro que essa salvação é diferente para cada um dos intérpretes e será também para cada um dos espectadores. Mas foi isto que esteve na minha cabeça desde o início. O objectivo máximo passava

*Autópsia, de 1 a 3 de Novembro no São Luiz, é a peça com que a coreógrafa visita paisagens do planeta para tomar as dores do mundo e procurar um lugar de paz.*

# Gonçalo Frota

**E**m 2013, Olga Roriz aproveitou o pretexto do centenário desse magnético marco na música e na dança do século XX – daqueles momentos dos quais se diz haver um antes e um depois – que foi a colaboração entre Stravinsky e Nijinsky na criação de *A Sagrada Primavera*, e revisitou esse legado por achar que a peça que tinha criado em 2010, para a sua companhia, deixara algo por dizer. E fê-lo, então, sob a forma de solo. Depois da intensidade com que se entregava a esse solo, seria obrigada a parar por ordens médicas. Talvez, precisamente, porque sempre dançou no limite do corpo, exigindo-lhe uma expressividade que, por vezes, ultrapassava aquilo que a fisicalidade estava preparada para lhe oferecer. E parou então de dançar, cumprindo-se em exclusivo como coreógrafa. “Para uma bailarina que dança durante tanto tempo quanto eu dancei, e que aos 59 anos ainda estava a fazer o solo da *Sagrada*”, recorda agora ao *Ipsilon*, “este corte radical só pode influenciar.”

Quer isto dizer que *Autópsia*, que estreia a 1 de Novembro no Teatro São Luiz, em Lisboa (onde fica até dia 3), liga-se “à suposta morte de uma bailarina, que está aqui e nunca deixará de estar”, diz a coreógrafa, mas que reconhece uma certa morte da dança no seu próprio corpo. Por isso, os vestígios iniciais desta criação passavam pela ideia de Olga Roriz dar forma a um derradeiro solo que interpretaria, numa despedida dos palcos. Só que toda a introspecção, a filosofia, o que é que é que

# Olga Roriz procura a salvação do mundo na dança

primeiro impulso – e que justifica também um outro sentido do procedimento médico-legal associado a “autópsia”, mais como uma dissecação interior, de auscultação pessoal – foi, aos poucos, abandonando a ideia de solo para se transformar numa criação destinada ao elenco da sua companhia. E o rasto da ideia primordial foi encaminhando a coreógrafa para um pensamento descentrado da sua condição, seguindo antes na direcção da “origem do pla-

autópsia da cultura, da origem do planeta Terra, da problemática do aquecimento global e do consumo".